

FONTE : OESP

CLASS. : 02

DATA : 26.3.75

PG. : 16

# Carajás não espera Tucuruí

Do correspondente em  
**BELÉM**

O início de operações do Projeto Carajás não pode ficar condicionado à conclusão da hidrelétrica de Tucuruí. Em 1980 Carajás deverá começar a exportar 12 milhões de toneladas de ferro por ano, enquanto Tucuruí só poderá fornecer energia dois anos depois. Por isso, todos os estudos conduzem para a eletrificação da ferrovia de 890 quilômetros de extensão que ligará a usina, no Sul do Pará, ao porto exportador de Itaqui, no Maranhão.

O anúncio foi feito pelo presidente da Amazônia Mineração, Morvan Dolabella, durante a cerimônia de concessão à empresa, pelo Departamento Nacional da Produção Mineral, da imissão de posse das jazidas de Carajás, que com 18 bilhões de toneladas e um teor médio bastante elevado (66,1 por cento de ferro), constituem um dos mais importantes distritos ferríferos do mundo.

O processo de descoberta, avaliação e definição da viabilidade de exploração econômica de Carajás começou em 1967, quando um geólogo da Companhia Meridional de Mineração (subsidiária da United States Steel) localizou uma das jazidas do distrito.

Entre 1970/72 foram realizadas pesquisas geológicas de detalhamento e apresentado o relatório de trabalho; em 1973 foi definida a viabilidade econômica das reservas e no ano seguinte a Amazônia Mineração (formada em 1970 pela associação da Companhia Meridional com a Vale do Rio Doce, que detém 51 por cento do controle acionário) apresentou requerimento de lavra, aprovado e em seguida requereu a posse da jazida. Ontem, no próprio local, com a presença de diretores e técnicos do DNPM, ela foi concedida oficialmente.

### INFRA-ESTRUTURA

Agora a Amazônia Mineração partirá para a montagem da infra-estrutura industrial e de apoio para começar a operar comercialmente na exportação

de ferro dentro de cinco anos. Em um ano e meio terá sido construída a estrada de 110 quilômetros de extensão ligando a sede do projeto a Marabá, a mais importante cidade da região, e eliminando um dos maiores inconvenientes logísticos à atividade em Carajás (que fica a 550 quilômetros em linha reta de Belém): seu isolamento por terra.

Atualmente, o abastecimento é feito apenas por aviões, porque além de não haver estradas as comunicações fluviais são impossíveis, já que o rio mais próximo, o Itacaiunas, não é navegável nesse trecho. Com a rodovia, que já teve sua concorrência lançada, chegarão os equipamentos para a montagem da usina, da britadeira e da cidade industrial para aproximadamente três mil pessoas.

Antes da estrada já terá sido concluída a sondagem para a definição do eixo da ferrovia que, partindo de Carajás, levará o ferro até o porto de Itaqui. Muitos trechos foram retificados e a extensão da ferrovia, prevista inicialmente para 970 quilômetros, en-

curtou para 890. Nesse período já deve ter sido definida qual a forma de abastecimento de energia para o projeto, mas a tendência dominante é da eletrificação da ferrovia, para trazer energia do sistema das Centrais Elétricas do São Francisco até Carajás.

Nesse caso, o consumo total subiria de 35 mil para 230 mil quilowatts e o presidente da Amazônia Mineração acredita que a construção de uma linha de transmissão nesse sentido teria grande importância no futuro, pois permitiria levar a energia de Tucuruí, quando a hidrelétrica tiver sido inaugurada, até o Nordeste. Além do mais, adquirir uma termelétrica apenas para servir no período de transição entre o início de operação de Carajás e de Tucuruí, seria oneroso e supérfluo.

Para conseguir a posse das jazidas, a Amazônia Mineração teve que demarcar 160 mil hectares, a área que contorna as três serras onde existe ferro, colocando marcos nos vértices estabelecidos (num total de 120).